

REPRESENTAÇÕES DO PROCESSO DE ACULTURAÇÃO DE IMIGRANTES EM *THE HOUSE ON MANGO STREET* E “INFERNOCÉU”

Shirley de Souza Gomes Carreira¹

RESUMO: Este artigo propõe a análise de duas obras, o romance *The house on Mango Street*, de Sandra Cisneros, e o conto “Inferno-céu”, de Jhumpa Lahiri, a fim de demonstrar como o processo de aculturação de imigrantes nos Estados Unidos é representado. Visto como o país das oportunidades, os Estados Unidos têm recebido imigrantes de diferentes nacionalidades, apesar das barreiras impostas pelo choque cultural. Situadas na segunda metade do século XX, as obras abordam temas que continuam a ser relevantes no século XXI, uma vez que o mundo atual enfrenta uma grande onda migratória.

Palavras-chave: Imigrantes; identidade; diferença; choque cultural; hibridismo.

REPRESENTATIONS OF THE ACCULTURATION PROCESS OF IMMIGRANTS IN *THE HOUSE ON MANGO STREET* AND ‘HELL-HEAVEN’

ABSTRACT: This article aims to analyze two works, Sandra Cisneros’s novel *The house on Mango Street* and Jhumpa Lahiri’s short story “Hell-Heaven”, in order to demonstrate how the process of acculturation of immigrants is represented. Seen as the country of opportunity, the United States has been receiving immigrants of different nationalities despite the barriers imposed by the cultural clash. Located in the second half of the twentieth century, the works deal with themes that continue to be relevant in the 21st century, as the current world is going through a great migratory wave.

Keywords: Immigrants; identity; difference; cultural clash; hybridity.

¹ Doutora em Literatura Comparada (UFRJ), com Pós-Doutoramento em Literaturas de Língua Inglesa (UERJ). Professora Adjunta de da UERJ. Membro dos Grupos de Pesquisa CNPq Poéticas do Contemporâneo: estudos de sociedade, história e literatura e Poéticas Identitárias. Docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação (stricto sensu) em Letras e Linguística da UERJ. Investigadora convidada do Centro de Estudos Linguísticos, Comparados e Multimídia da Universidade Autónoma de Lisboa. RJ, Brasil. shirleysgcarr@gmail.com.

[...] temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades. (SANTOS, 2003, p. 56).

INTRODUÇÃO

O ponto de partida para este trabalho é a seguinte afirmação de Lois Parkinson Zamora (2002, p. 3): “a globalização é um processo venerável [...] e os contatos culturais operaram globalmente desde a antiguidade”. De fato, a migração é uma condição natural da experiência humana (GOLDBERG, 1997, p.21)e, ao longo da história, movimentos diaspóricos levaram a transposições de fronteiras e a intensas trocas culturais. No entanto, a ressignificação contemporânea do termo “globalização”, ainda segundo Zamora, nos leva a compreendê-lo como um complexo de operações transculturais que se fundamenta em três fatores essenciais: 1) a presença das novas tecnologias informativas e comunicativas; 2) o surgimento dos novos mercados globais; 3) a surpreendente mobilidade de pessoas e de imigrações.

O terceiro fator tem sido evidenciado nas narrativas ficcionais contemporâneas, ora focalizando as mobilidades territoriais e culturais atuais, ora se debruçando sobre o passado, estabelecendo diálogos com a História. Na gênese dessas narrativas há uma tentativa de situar o migrante segundo uma perspectiva espacial, política e cultural, adentrando os interstícios em que se localizam culturas marginais e híbridas, para, por fim, advogar um novo espaço de enunciação.

Curiosamente, a legibilidade de tais obras em um mundo que se autopropõe como metáfora de uma aldeia global, está ainda largamente condicionada a algum tipo de compromisso com as culturas dominantes. O modo de apropriação dos encontros interculturais na ficção, na maioria das vezes, revela personagens aculturadas, cujo processo de integração à nova cultura é assimétrico.

A fim de exemplificarmos essa afirmação, abordaremos neste texto duas narrativas que envolvem sujeitos migrantes em um mesmo país de adoção, os Estados Unidos da América, na segunda metade do século XX. A primeira obra,

The house on Mango Street (1984), é um romance escrito por Sandra Cisneros, autora chicana com grande sucesso de público e crítica. A segunda, o conto “Inferno-Céu”, pertence à coletânea *Terra descansada*, de Jhumpa Lahiri, autora nascida na Inglaterra, de ascendência indiana, e radicada nos Estados Unidos, que recebeu o prestigioso prêmio Pulitzer em 2000.

THE HOUSE ON MANGO STREET E A FRONTEIRA INVISÍVEL

As raízes históricas subjacentes à narrativa em *The house on Mango Street* remontam ao século XIX, mais especificamente ao ano de 1848, quando o tratado de Guadalupe-Hidalgo foi assinado, após um longo período de disputas entre México e Estados Unidos.

O tratado, que cedia aos Estados Unidos parte do território mexicano, assegurava que a propriedade e os direitos dos cidadãos que nele residiam seriam protegidos, porém, na verdade, ambos foram ignorados. Coube aos residentes a condição de povo colonizado, a quem uma nova língua e uma nova cultura foram impostas. Data dessa época a utilização do termo “chicano” para designar os norte-americanos de ascendência mexicana. Por muito tempo, o termo teve uma conotação ofensiva e discriminatória.

A condição de cidadãos de um país estrangeiro que, entretanto, não os aceitava como tal, levou os mexicanos que viviam no território anexado a se refugiarem nas suas tradições, limitando-se ao *barrio*, uma espécie de gueto, onde a identidade cultural do grupo era preservada. Essa condição só foi relativamente alterada após 1960, quando se iniciou o Movimento Chicano, que pregava o orgulho da própria origem e rechaçava a marginalização imposta pela cultura anglo-americana.

Se a fronteira física erguida entre o México e os EUA (*Tortilla Curtain*) até hoje propicia situações de violência, é inegável a existência de uma fronteira invisível, que opera nas relações sociais.

Em *Borderlands/La frontera: The New Mestiza*, Glória Anzaldúa afirma que os chicanos vivem em uma fronteira simbólica que evidencia a relação traumática entre a sua herança cultural e o seu sentimento de inadequação em relação à cultura americana:

A fronteira EUA-México é uma ferida aberta onde o Terceiro Mundo se insurge contra o primeiro e sangra. E antes que uma escara se forme sangra novamente, os elementos vitais de dois mundos se fundindo para formar um país terceiro – uma cultura de fronteira. Fronteiras são criadas para definir os lugares que são seguros e inseguros, para nos distinguir deles. Uma borda é uma linha divisória, uma tira estreita ao longo de uma beirada íngreme. Uma fronteira é um lugar vago e indeterminado criado pelo resíduo emocional de um limite não natural² (ANZALDÚA, 1999, p. 82).

A cultura chicana é uma cultura de fronteira, patriarcal em sua essência e sedimentada em pressupostos morais e sociais que determinam uma hierarquia misógina. Como uma forma de autoproteção, as comunidades chicanas desenvolvem uma dinâmica familiar que dificulta o contato com a sociedade dominante, que, por sua vez, também exclui os chicanos de uma participação efetiva na tessitura social.

Situado na década de 80 do século XX, *The house on Mango Street* promove uma dupla ruptura de fronteiras, étnica e de gênero, ao refletir sobre essas questões por meio de uma narrativa fragmentada, que se realiza por meio da ótica de uma menina de doze anos.

O romance é construído de modo a aproximar-se do *Bildungsroman*³, muito embora as transformações que a narradora sofre aconteçam dentro dos limites geográficos e culturais da sua comunidade. São transformações no âmbito da identidade.

Conforme aponta Lobo, Esperanza Cordero,

[...] vive à margem das duas realidades culturais. Por um lado, ao habitar um *barrio* latino dos subúrbios, a narradora encontra-se excluída dos privilégios da sociedade dominante; por outro lado, a

²The U.S.-Mexican border es una herida abierta where the Third World grates against the first and bleeds. And before a scab forms it haemorrhages again, the lifebloods of two worlds merging to form a third country – a border culture. Borders are set up to define the places that are safe and unsafe, to distinguish us from them. A border is a dividing line, a narrow strip along a steep edge. A borderland is a vague and undetermined place created by the emotional residue of an unnatural boundary. Tradução nossa.

³Romance de formação.

cultura minoritária oprime-a física e ideologicamente à sua condição de mulher (LOBO, 2015, pp.259-260).

Por não se identificar totalmente com nenhuma das duas culturas, Esperanza ocupa um espaço intersticial que lhe permite lançar um olhar crítico a ambas.

Ao buscar retratar uma coletividade marginalizada pela tradição literária canônica, Sandra Cisneros utiliza, no romance, um inglês que foge à língua padrão e é entremeado de expressões em espanhol. Acrescente-se a esse dado o fato de que a história é narrada do ponto de vista de uma pré-adolescente, o que explica a evolução linguística que se dá ao longo da narrativa, à medida que Esperanza amadurece e amplia a sua visão de mundo.

Conforme afirma Anzaldúa,

Para um povo que não pode se identificar totalmente com o espanhol padrão (castelhano) nem com o inglês padrão, que recurso lhes resta, senão criar sua própria língua? Uma linguagem com a qual possam ligar a sua identidade, capaz de comunicar as realidades e os valores verdadeiros para si próprios - uma linguagem com termos que não são nem espanhol nem inglês, mas ambos (ANZALDÚA, 1999, p. 77).

A crise identitária da narradora perpassa todo o romance e está metaforicamente associada à posse de uma casa. Na primeira vinheta, Esperanza registra a promessa que os pais lhe haviam feito de que um dia teriam uma casa “de verdade”, após muitos anos mudando de um local para o outro. Quando finalmente a promessa é cumprida, Esperanza sente-se traída, não apenas porque a casa é muito diferente daquela que imaginara, mas também por não conseguir sentir-se feliz vivendo nela. Mais do que um anseio material, a casa dos seus sonhos constitui uma metáfora do desejo de mudança identitária: “Quero ser como as ondas do mar, como as nuvens ao vento, mas sou apenas eu. Um dia serei capaz de me desfazer da minha pele” (CISNEROS, 1991, p.60)⁴. Esse desejo está associado à rejeição do próprio nome, que, segundo ela, “tem muitas letras”, significa “tristeza” e “espera”.

4I want to be like the waves on the sea, like the clouds in the wind, but I'm me. One day I'll jump out of my skin (CISNEROS, 1991, p.60). (Tradução nossa)

Como todo sujeito de identidade hifenada⁵, Esperanza tem uma dupla percepção do mundo, que está invariavelmente ligada aos dois idiomas que domina. Ao dizer, na vinheta intitulada “*My name*”, que o seu nome em inglês significa “esperança”, ela deixa implícita a ideia de que esse idioma é o viés por onde o seu sonho pode vir a realizar-se.

Ao longo do romance, enquanto aprende a lidar com as próprias dúvidas e frustrações, Esperanza testemunha a história de outras personagens: mulheres submissas, embora descontentes com seu modo de vida; jovens chicanos que são imigrantes ilegais e, por isso, invisíveis à sociedade americana e imigrantes resistentes à aculturação. Em todas essas representações subsiste uma relação assimétrica.

Na vinheta intitulada “*Mamacita*”, Esperanza narra o sofrimento de uma vizinha recém-chegada do México: “Ela se senta à janela e ouve a rádio espanhola e canta todas as canções melancólicas sobre o seu país”⁶ (CISNEROS, 1991, p.77). Percebe-se no registro de Esperanza que ela não tem o México como seu referencial. A par da ascendência mexicana e da imposição de uma herança cultural, Esperanza é americana e tenta conciliar em si mesma essa dupla referência.

Por outro lado, quando a narrativa prossegue e Esperanza relata a aversão de Mamacita pelo inglês, é possível perceber que a vizinha experimenta um processo de marginalização cultural⁷, pois não só se recusa a falar inglês como proíbe o filho de fazê-lo. A língua do Outro surge como uma ameaça às raízes, como um processo de despersonalização.

A invisibilidade social é bem demarcada na vinheta intitulada “*Geraldo No Last Name*”, quando Esperanza narra a morte de um jovem mexicano que vivia ilegalmente nos EUA. Atropelado por um carro ao fim de um baile, o jovem, que não falava inglês, fora levado à emergência de um hospital, onde falecera sem atendimento. Esperanza divaga sobre a existência de Geraldo, de quem ninguém sabia o sobrenome e que

5 O hífen tem sido uma forma subliminar de discriminação nos Estados Unidos. Ao afirmar que um indivíduo é afro-americano, mexicano-americano ou indo-americano, na realidade, se impõe à nacionalidade um traço étnico.

6 *She sits all day by the window and plays the Spanish radio show and sings all the homesick songs about her country [...] (CISNEROS, 1991, p. 77) (Tradução nossa).*

7 Para Berry, a marginalização constitui a recusa de adotar a língua e os traços culturais da pátria de adoção. Para aprofundamento, ver CARREIRA, Shirley. *Travessias: estudos de literatura e migração*. Belford Roxo: UNIABEU, 2015, pp.5-10.

possivelmente estava trabalhando em um subemprego para enviar dinheiro à família que deixara no México; família que jamais saberia o que lhe acontecera.

No âmbito das experiências pessoais, Esperanza percebe a frágil condição da mulher chicana. Cercada de mulheres cujo destino é sempre ditado por um homem, Esperanza tece o desejo de partir da comunidade, de ter uma casa apenas sua, de tornar-se escritora um dia. Ela é a personificação da *new mestiza*, preconizada por Anzaldúa:

Em umas poucas centúrias, o futuro pertencerá à mestiça. Porque o futuro depende da quebra de paradigmas, depende de trilhar duas ou mais culturas. Criando um novo mito – isto é, mudando a nossa percepção da realidade, o modo como nos vemos, e os modos como nos comportamos – a mestiça cria uma nova consciência (ANZALDÚA, 1999, p. 10).⁸

Segundo Lobo,

Produto de sistemas múltiplos e válidos, a “*new mestiza*” equilibra-se num sistema de ambiguidades, visto que possui uma sensibilidade migratória intrínseca, ou seja, uma capacidade de movimentação em contextos diferentes sem, no entanto, se submeter completamente a nenhum (LOBO, 2015, p. 117).

À medida que a narrativa evolui, Esperanza passa a compreender melhor a comunidade em que vive e seus sonhos se modificam. A percepção de que nos subúrbios na colina, onde sempre sonhara viver, não há espaço para a inclusão de pessoas oriundas de comunidades menos privilegiadas, fá-la vislumbrar um futuro diferente do que imaginara a princípio; futuro esse que só será acessível via educação.

A exemplo do que efetivamente ocorre com as crianças chicanas, a narradora desenvolve uma autoconsciência em relação ao seu estatuto de imigrante, que sobrevive negociando entre duas realidades e em constante tradução linguística e cultural. A escola se configura como o espaço onde a alteridade cultural, étnica e linguística é posta em confronto e as estratégias de adaptação e de sobrevivência são aprendidas.

⁸*En unas pocas centurias, the future will belong to the mestiza. Because the future depends on the breaking down of paradigms, it depends on the straddling of two or more cultures. By creating a new mythos – that is, a change in the way we perceive reality, the way we see ourselves, and the ways we behave – la mestiza creates a new consciousness.*(ANZALDÚA, 1999, p.10). (Tradução nossa).

O romance termina com a certeza da narradora de que partirá um dia, de que será capaz de tornar-se quem deseja ser; mas, ao contrário do que os membros da comunidade poderão vir a pensar então, ela retornará, por e para todos aqueles que não tiveram a oportunidade de fazer o mesmo.

NOVOS FRUTOS EM TERRA DESCANSADA

A coletânea de contos de Jhumpa Lahiri, intitulada *Terra descansada* tem por epígrafe uma citação de Hawthorne:

A natureza não irá vingar, não mais do que uma batata, se for plantada e replantada no mesmo solo exausto durante uma sequência demasiado longa de gerações. Meus filhos nasceram em outros lugares, e, até onde eu puder controlar seus destinos, irão fincar raízes em terra descansada.⁹ (HAWTHORNE, 2010, p. 10).

Essa citação emblemática a ótica de Lahiri em relação ao processo migratório. Por ser filha de imigrantes indianos, ter nascido na Inglaterra e viver em Rhode Island, nos Estados Unidos, Lahiri assume as características cosmopolitas do escritor migrante. Sua relação com a Índia assemelha-se àquela descrita por Rushdie em *Imaginary Homelands*: um distanciamento que lhe permite reconhecê-la como uma pátria imaginária e, ao mesmo tempo, olhá-la criticamente.

Para Rushdie, o escritor migrante é dotado de uma subjetividade que é, ao mesmo tempo, plural e parcial: uma identidade híbrida, resultante de um processo de tradução cultural. Lahiri vai mais além, ao afirmar que todos os lugares do mundo são, para ela, o lugar do exílio¹⁰.

⁹Human nature will not flourish, any more than a potato, if it be planted and replanted, for too long a series of generations, in the same worn-out soil. My children have had other birthplaces, and, so far as their fortunes may be within my control, shall strike their roots into an unaccustomed earth.

¹⁰No country is my motherland. I always find myself in exile in whichever country I travel to, that's why I was tempted to write something about those living their lives in exile. Disponível em: <http://www.rediff.com/news/2001/jan/11jhum.htm>. Acesso em 16/02/2017.

A obra de Lahiri tem focalizado a questão do pertencimento, o processo de aculturação de imigrantes de primeira geração e também a relação conflituosa destes com uma segunda geração, nascida nos Estados Unidos.

“Inferno-Céu” é um conto que focaliza as diferentes etapas do processo de integração de um imigrante: a necessidade de adaptação, a luta para ser aceito socialmente, o choque entre culturas, o ressentimento provocado pelas pressões familiares e o conflito entre gerações.

A história, situada nos anos 70, é narrada por Usha e se reporta a acontecimentos que ocorreram quando ainda era adolescente. Filha de indianos bengaleses, Usha tivera de defrontar-se com o dilema de toda segunda geração de imigrantes: o conflito entre a herança cultural familiar e aquela do país de adoção.

Um aspecto digno de nota nas narrativas de Lahiri é o fato de que as famílias que retrata, ao contrário do que ocorre em *The House on Mango Street*, não são marginalizadas socialmente. Normalmente, os imigrantes são de alto nível cultural e vão para os Estados Unidos em busca de aperfeiçoamento profissional. O pai de Usha, Shyamal, pesquisador no Hospital Central de Massachusetts, e Pranab, um estudante do Massachusetts Institute of Technology (MIT), que se torna amigo da família, exemplificam bem essa característica das personagens migrantes na obra de Lahiri.

O choque cultural não se dá por meio da discriminação étnico-racial, mas pelo contraste entre Índia e Estados Unidos em termos de hábitos e comportamento, e é atenuado pela manutenção de um círculo de amigos de mesma origem, de modo a manter viva a tradição em terra estrangeira.

A princípio, Pranab sente o impacto da mudança, porque fora obrigado a mudar seus hábitos. Membro de uma família rica de Calcutá, antes de deixar a Índia, ele “nunca havia precisado sequer servir-se de um copo de água” (LAHIRI, 2008, p. 62), enquanto que, na América, ele passara a viver em um sótão alugado na residência de uma senhora que tinha dois filhos barulhentos e não tinha permissão para usar a cozinha todas as horas do dia. Quando ele estabelece amizade com a família de Usha, a sensação de desenraizamento é minimizada.

Aparna, a mãe de Usha, emblematisa outro aspecto da migração indiana: a subalternidade feminina no âmbito familiar. Seu casamento com Shyamal fora parte de

um acordo, cuja finalidade era obter a permissão da família do noivo para que ele pudesse emigrar. Shyamal era uma pessoa frugal, metódica e introspectiva, cuja obsessão pelo trabalho relegava a esposa a um segundo plano e à solidão.

Embora submissa à tradição, Aparna apaixonara-se por Pranab e esse sentimento passara despercebido à Usha adolescente:

Antes de o conhecermos, eu voltava da escola e encontrava minha mãe com a bolsa no colo e de casaco impermeável, desesperada para escapar do apartamento onde havia passado o dia inteiro sozinha. Mas agora, eu a encontrava na cozinha, esticando a massa para os *luchis*, o que ela normalmente fazia apenas aos domingos para meu pai e eu, ou instalando cortinas novas que havia comprado em Woolworth's. Na época eu não sabia que as visitas de Pranab Kaku eram aquilo que minha mãe passava o dia inteiro esperando (LAHIRY, 2009, p. 79).

Em *Reflexões sobre o exílio*, Edward Said afirma que os imigrantes possuem uma percepção contrastiva, considerando que hábitos, atividades ou mesmo o modo de expressar-se inevitavelmente reacendem a memória de outro meio ambiente (SAID, 2002, p. 186). A proximidade de faixa etária e o fato de que eram da mesma região ao norte de Calcutá colaboraram para que Aparna reativasse, em seu relacionamento com Pranab, os laços com suas raízes:

Em poucas semanas, Pranab Kaku havia mudado para o nosso apartamento, e ele tocava para minha mãe vários *pout pourris* de canções de filmes indianos da sua juventude. Eram canções alegres de amor, que transformavam a vida quieta em nosso apartamento e transportavam minha mãe de volta ao mundo que havia deixado para casar-se com meu pai (LAHIRI, 2009, p. 80).

No conto, é visível a mudança do comportamento de Pranab, que começa pela quebra do compromisso com a noiva que seus pais lhe haviam destinado em Calcutá e prossegue com a decisão de permanecer nos Estados Unidos e casar-se com Deborah, uma americana, apesar da contrariedade dos pais, que chegam a pensar em deserdá-lo.

Conforme Carreira enfatiza, é possível observar que

A intervenção da família de Pranab e sua expectativa quanto ao futuro do jovem demonstram uma conformidade com o modelo colonizador/colonizado que ainda perdura na Índia. Ele fora enviado à América para completar sua educação e retornar à terra natal, reproduzindo, assim, uma cultura colonial que deveria estar extinta, mas estende seus tentáculos ao mundo contemporâneo sob a forma de dependência cultural. Embora o colonialismo tenha findado, ao menos politicamente, em 1947, na Índia, a sua ideologia encontra-se entranhada na identidade cultural, tornando-se perceptível nas práticas sociais, econômicas e políticas (CARREIRA, 2012, p.7).

A assimilação¹¹ de Pranab à cultura americana faz-se sentir não apenas na cerimônia de casamento, oficiada por um pastor protestante, mas pelo afastamento completo das origens. Ele não apenas rompe com a família, como também resiste à ideia de manter vínculo com outros bengaleses. No decorrer da narrativa, seu relacionamento com a família de Usha se deteriora.

O conflito entre gerações é exemplificado por meio das relações entre Usha e Aparna. Usha nascera em Berlim, antes de seus pais irem para os Estados Unidos, e tinha dificuldade para ceder às pressões familiares no que dizia respeito à tradição. Intimamente, invejava as filhas de Pranab e Deborah, que não precisavam usar sáris, só se comunicavam em inglês e não eram obrigadas a ir a Calcutá todos os anos em visita às famílias de seus pais.

A narradora recorda seus embates com a mãe, de quem chegara a sentir pena:

Comecei a ter outros segredos, esquivando-me dela com ajuda das amigas. Dizia-lhe que ia dormir na casa de uma amiga, quando na verdade ia a festas, bebia cerveja e deixava que os meninos me beijassem, acariciassem meus seios e pressionassem suas ereções contra meus quadris enquanto dávamos uns amassos em algum sofá ou banco traseiro de carro. Comecei a sentir pena da minha mãe; quanto mais velha eu ficava, mais via como a sua vida era deprimente. Ela nunca havia trabalhado e passava o dia assistindo a novelas para fazer o tempo passar. Seu único trabalho era limpar e cozinhar para meu pai e para mim (...) quando minha mãe reclamava com ele o quanto odiava a vida no subúrbio e o quanto se sentia sozinha, ele não dizia nada para tranquilizá-la. “Se está tão infeliz, volte para Calcutá”, sugeria ele, deixando bem claro que a separação não iria afetá-lo de nenhum modo.

11A assimilação é um processo pelo qual pessoas ou grupos de pessoas adquirem características culturais de outros grupos sociais. No caso específico da personagem, ela é favorecida pelo casamento intercultural.

Comecei a imitar meu pai em minha relação com ela, isolando-a duplamente (LAHIRI, 2009, p.93).

Essa passagem do romance dimensiona a sensação de deslocamento sofrida por Aparna. Em uma terra estranha, condicionada a um comportamento social subalterno e rejeitada pelos familiares, dentre todas as personagens, ela é a que sofre mais profundamente com o processo de aculturação. A maturidade e as escolhas familiares promovem transformações em seu modo de ver o mundo. Com o passar do tempo, Aparna reconhece que não pode exigir da filha a plena aceitação de uma herança cultural com a qual não se identifica:

Minha mãe e eu também havíamos nos reconciliado; ela aceitara o fato de eu não ser somente a filha dela, mas também filha dos Estados Unidos. Aos poucos, aceitou que eu namorasse um americano [...] e até mesmo que vivesse com um deles mesmo sem estarmos casados (LAHIRI, 2009, p.99).

O final do romance reserva algumas surpresas ao leitor, como o fim do casamento de Pranab e Deborah após vinte e três anos de união; o fato de Pranab ter deixado a esposa por uma mulher bengalesa casada, e a inesperada revelação de que Aparna quase tentara o suicídio, ao sentir-se preterida por Pranab. Talvez o dado mais relevante de todas essas revelações seja o fato de que, aos cinquenta anos, Aparna decidira voltar a estudar, cursando biblioteconomia em uma universidade próxima. No fim da história, do entrelugar de sua existência, ela começa a trilhar o caminho para a conquista de uma identidade que não dependa de nenhum outro para se autoafirmar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O hibridismo resulta da negociação das diferenças culturais e da ultrapassagem de fronteiras, que deixam de ter uma conotação negativa, de separação, e passam a ser vistas como lugares onde as diferenças culturais entram em contato e interagem.

Sandra Cisneros e Jhumpa Lahiri têm em comum o traço da alteridade ante a sociedade de acolhimento, mas retratam de forma diferenciada os modos de aculturação

dos grupamentos sociais a que pertencem. De um modo ou de outro, a essência das duas obras examinadas reside nas estratégias dos sujeitos para encontrar o seu espaço na pátria de adoção.

A busca da identidade, presente em ambos os textos, perpassa a visão de Bhabha (1998), de que a diferença não deve ser interpretada apenas como o reflexo de traços culturais ou étnicos, inscritos na tradição, mas antes como uma negociação, complexa e em curso, que confere autoridade ao hibridismo dela resultante. *Paripassu*, outras negociações intrínsecas acabam por ocorrer, como aquelas que dizem respeito ao gênero e notadamente a que redefine o espaço social da mulher.

Retomando o pressuposto inicial, é possível verificar que os processos de aculturação representados dizem respeito ao mundo contemporâneo, globalizado, mas não se reportam a relações sociais simétricas.

Cisneros expõe uma sociedade que ainda falha na construção democrática das regras de reconhecimento recíproco entre identidades e entre culturas distintas. Além da dicotomia identidade/alteridade, a autora aborda, a contrapelo, a fixidez social da comunidade chicana e a consequente subalternidade feminina, o que torna a trajetória da narradora duplamente complexa.

Embora focalize o processo de aculturação dos imigrantes indianos e o surgimento de identidades híbridas, Lahiri não contesta a globalização hegemônica, pois é no *background* da classe média alta estadunidense que suas personagens se movem. Ao contrário dos chicanos, os indianos não sofrem barreiras de ordem linguística e são bem qualificados profissionalmente.

Se por um lado, tanto no mundo real quanto na ficção, os desafios são maiores para os latinos, por outro, a narradora de Cisneros parece ser o embrião de uma tentativa de reordenamento das diferenças, na medida em que anuncia um futuro retorno às origens, provavelmente municiado com um instrumental que lhe permitirá tecer um discurso próprio e conferir a si mesma um lugar de fala.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/ La Frontera – The New Mestiza*. 2. ed.. San Francisco: Aunt Lute Books, 1999.

CARREIRA, S.S.G. A representação da identidade em “Hell-Heaven”, de Jhumpa Lahiri. *Soletras* (UERJ), v.23, n.4, pp. 81-92.

CISNEROS, Sandra. *The house on Mango Street*. New York: Vintage Books, 1984.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

HAWTHORNE, Nathaniel. *The Scarlet Letter*. London: Bibliolis, 2010.

LAHIRI, Jhumpa. *Terra descansada: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LOBO, Patrícia. Chicanas em busca de território: A herança de Gloria Anzaldúa. Tese de doutoramento em Estudos de Literatura e de Cultura. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa, 2015, 442 pp. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/19953/1/ulsd071168_td_Patricia_Lobo.pdf. Acesso em 14/02/2017.

RUSHDIE, Salman. *Imaginary homelands: essays on criticism 1981-1991*. London; Delhi: Granta Books, 1991.

SANTOS, Boaventura de Souza. Os processos de globalização. In: _____. (Org.). *Globalização: fatalidade ou utopia?* Porto: Afrontamento, 2002.

_____. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ZAMORA, Lois Parkinson, *Comparative Literature in an Age of Globalization*, *CLCWeb Comparative Literature and Culture: A WWWeb Journal*. Disponível em:

<http://docs.lib.purdue.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1161&context=clcweb> Acesso em 12/02/2017.

Recebido em 02/03/2017.

Aceito em 10/04/2017.